

Todos juntos ao redor da mesa: uma avaliação qualitativa da alimentação em abrigos do município de São Paulo

All together around the table: a qualitative food and meals assessment in children's shelter homes in São Paulo City

ABSTRACT

HOLLAND, C. V.; SZARFARC, S. C. All together around the table: a qualitative food and meals assessment in children's shelter homes in São Paulo City. *Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.* = J. Brazilian Soc. Food Nutr., São Paulo, SP, v. 31, n. 2, p. 39-52, ago. 2006.

Caretakers (social mothers) who look after children and teenagers in philanthropic shelter homes in São Paulo City influence the daily menu preparation and the way meals are conducted within the group, according to their culture and background. The target of this study was to know some of the social aspects of feeding in this group. Eleven social mothers and three shelter home masters were interviewed. The interviews were analysed through the "collective subject discourse" methodology. The study showed 32 discourse categories. Through these discourses, specific habits and values were determined to be present during meals, which should be taken into account when planning, coaching and training in the food area for this group of caretakers. The social mothers' worries about family rituals are a highlight: eating "all together around the table" and keeping silence while eating are imposed practices by most mothers. The task of serving the children's dishes is always done entirely by the mother herself, not giving them the opportunity of learning to help themselves and to choose their own food. Teaching good manners at the table to the children is a constant and daily concern for the mothers, who do not want to feel ashamed because of the children's bad manners, once they have to learn how to behave "in the life outside" the shelter home. Children, teenagers and social mothers in shelter homes build together an alternative family with proper dynamics and solutions. The central topics from the interviews showed the social mothers' profile. Knowing how they think and feel about food topics is essential for the improvement of meals by means of appropriate training and coaching.

Keywords: Shelter homes.
Children. Teenagers.
Feeding habits. Qualitative research.

CECÍLIA VASCONCELOS
HOLLAND¹;
SOPHIA CORNBLUTH
SZARFARC²

¹Doutora pelo Curso de
Nutrição Humana Aplicada
PRONUT/USP, 2004

²Depto. Nutrição da
Faculdade de Saúde
Pública / USP,
scfarc@usp.br

**Endereço para
correspondência:**
Cecília Vasconcelos
Holland
R. Miranda
Montenegro 144
São Paulo
CEP 05412-020 SP,
e-mail:
cecilia@holland.com.br

RESUMEN

Las madres sociales que cuidan niños y adolescentes en casas abrigo filantrópicos en la ciudad de São Paulo, Brasil, tienen gran influencia en la elaboración de los menús y la forma como se conducen las comidas, conforme su formación y cultura. Conocer algunos aspectos sociales de la alimentación de estos grupos fue el objetivo del presente trabajo. Fueron entrevistadas once madres y tres directoras de casas abrigo, y analizadas por medio de la metodología del discurso del sujeto colectivo. La investigación resultó en 32 categorías de discurso, a través de las cuales fueron verificados valores y hábitos presentes en las comidas, que deben ser considerados cuando se pretende desenvolver orientaciones y entrenamientos en el área de alimentación para esas poblaciones. Destacase la preocupación de las madres con los rituales familiares: comer “todos juntos alrededor de la mesa” y mantener silencio durante las comidas son prácticas establecidas por la mayoría de las madres. La tarea de servir los platos es prácticamente asumida por la madre, sin propiciar oportunidad para que los niños aprendan a servirse y elegir solos sus alimentos. La enseñanza de buenos modos en la mesa es una preocupación constante de las madres, que no quieren sentir vergüenza por los malos modos de los niños fuera de la casa abrigo. Niños, adolescentes y madres sociales constituyen una alternativa de familia, con dinámicas y soluciones propias. Las ideas centrales extraídas de las entrevistas trazan un perfil de esas madres. Conocer como piensan y sienten en relación a la alimentación es esencial para la mejoría de la calidad de las comidas por medio de orientación y formación apropiadas.

Palabras clave: Albergues.
Niño. Adolescente. Alimentación.
Investigación cualitativa.

RESUMO

As mães sociais que cuidam de crianças e adolescentes de abrigos filantrópicos de São Paulo, influenciam a elaboração dos cardápios e o modo de conduzir as refeições, de acordo com sua formação e cultura. Conhecer alguns aspectos sociais da alimentação desse grupo foi o objetivo deste trabalho. Foram feitas entrevistas com onze mães sociais e três diretoras de abrigos, analisadas por meio da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. O estudo resultou em 32 categorias de discursos, por meio dos quais foram verificados valores e hábitos presentes nas refeições, que devem ser levados em conta quando se pretende desenvolver orientações e treinamentos na área da alimentação para esse público. Destaca-se a preocupação das mães com rituais familiares: comer “todos juntos ao redor da mesa” e manter silêncio durante as refeições são práticas impostas pela maioria das mães. A tarefa de servir os pratos praticamente é assumida pela mãe, não dando muitas oportunidades para as crianças aprenderem a se servir e escolher sozinhas os alimentos. O ensino de boas maneiras à mesa é uma preocupação diária e constante das mães, que não querem passar vergonha pelos maus modos das crianças, que precisam aprender a se comportar “lá fora”. Crianças, adolescentes e mães sociais de abrigos constituem uma alternativa de família, com dinâmicas e soluções próprias. As ideias centrais extraídas das entrevistas apontam um perfil dessas mães. Conhecer como pensam e sentem a respeito da alimentação é essencial para o aprimoramento da qualidade das refeições por meio de orientações e formação apropriadas.

Palavras-chave: Abrigos.
Criança. Adolescente.
Alimentação. Pesquisa qualitativa.

INTRODUÇÃO

Os abrigos são lares infantis que acolhem crianças e adolescentes abandonados ou negligenciados, vítimas de omissão, opressão, maus tratos, violência, alcoolismo, drogas e outras conseqüências de problemas econômicos da família.

Crianças e jovens vivem uma vida normal nos abrigos, freqüentando escolas e desenvolvendo atividades extra curriculares, enquanto aguardam a eventualidade de serem encaminhadas novamente para suas famílias de origem ou para adoção. A maior parte dos abrigos na cidade de São Paulo é de origem filantrópica, sem convênios com órgãos governamentais (NÚCLEO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2004), levando-os a procurarem recursos para todas as finalidades advindas de doações de empresas e do voluntariado. Esse fato reflete-se também na alimentação, uma vez que nem sempre é possível conseguir os gêneros alimentícios para um cardápio balanceado.

O fato da maioria dos abrigos filantrópicos não serem conveniados com órgãos governamentais, que fornecem a alimentação dentro de um padrão previamente definido, além de orientações de atuação embasadas em estudos sociais e pedagógicos, remete à preocupação a respeito de como é a alimentação das crianças nessas instituições, uma vez que cada local desenvolve suas próprias regras de funcionamento conforme sua filosofia de trabalho.

Abrigos mais antigos com mais de 100 crianças, às vezes com até 400 crianças, alguns ainda existentes nesse formato, distribuíam as refeições de maneira rápida e impessoal, de modo a dar conta do grande número de comensais, prejudicando a qualidade da alimentação, bem como de seu atendimento. Atualmente, enaltece-se a oportunidade dos momentos das refeições nas instituições para ensinamentos pedagógicos cotidianos, de suma importância para as crianças nas condições de abrigo, fase em que sua educação não pode ser interrompida, apesar da ausência da família biológica.

Os cuidados diários recebidos pelas crianças em abrigos pequenos são prestados pelas mães sociais. Estas são funcionárias contratadas pela organização social, com a função de “cuidadoras” de um grupo de 10 a 12 crianças e adolescentes que vivem nos abrigos por tempo indeterminado. Essa função foi oficializada em dezembro de 1987, pela Lei 7.644. Para cuidar de seus “filhos” têm direitos trabalhistas reconhecidos, folga uma vez por semana, férias de 30 dias e salário.

Entre as funções de “cuidadoras” estão a de organizar a rotina familiar, cuidar da limpeza da casa, roupas das crianças e de sua alimentação. O planejamento das refeições, sua confecção e distribuição também estão ao encargo destas mães.

Este estudo teve como objetivo explorar como as mães sociais conduzem as atividades cotidianas relacionadas à alimentação, identificando suas percepções e quais os valores que a influenciam, relacionando-a à educação das crianças.

METODOLOGIA

A cidade de São Paulo tem 187 abrigos, com 4889 crianças e adolescentes, conforme recente pesquisa do Núcleo da Criança e do Adolescente feita em 2002/3 (NÚCLEO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2004), sendo apenas 22 abrigos municipais; os demais são filantrópicos ou ainda estaduais – em fase de municipalização.

Para participar deste estudo, foram visitados previamente 18 abrigos inscritos na Fundação Abrinq* pelos Direitos das Crianças, para o reconhecimento do universo disponível, o que apontou muitas variações em termos de frequência de faixa etária e sexo (abrigos só para meninos, ou apenas para crianças até 4 anos) e tamanhos (abrigos para 10-12 crianças, para 30 crianças e para mais de 100), além do tempo de permanência (casas de passagem para curta permanência, abrigos como moradia transitória, ou abrigos como um lar quase permanente).

Foram determinadas então as seguintes características para a escolha dos abrigos: atendimento para ambos os sexos em lares pequenos, para 10 a 12 crianças, como apregoado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (MINISTÉRIO PÚBLICO, 1990), abrangendo todas as idades até os 18 anos, e de longa permanência, de modo que as crianças tivessem uma vida normal, participando de atividades adequadas para sua faixa etária, aproximando essas características do mundo real. Desta forma, os três abrigos escolhidos intencionalmente para o estudo foram: Abrigo Maria Helen Drexel, com 7 lares (zona Sul de São Paulo/SP), Centro Comunitário Bororé, com 3 lares (Grajau, zona Sul de São Paulo/SP) e Lar Infantil Coração de Jesus, com um lar (Grande São Paulo, município de Cotia/SP), somando 11 lares com o total de 108 crianças. Essa escolha deu-se por apresentarem as características acima e pela abertura de seus dirigentes em acolher a proposta da pesquisa.

Uma abordagem fenomenológica foi selecionada por fornecer um método de pesquisa indutiva que possibilita a exploração da visão de mundo dos participantes (POLIT; HUNGLER, 1993). O propósito do estudo fenomenológico é apresentar claramente as percepções dos participantes e, então explorar seus significados utilizando um processo de interpretação. O pesquisador foca nas percepções subjetivas dos participantes (REA, 1997).

Este estudo fenomenológico explora os fatores envolvidos nas percepções, atitudes e influências das mães sociais, relacionados às refeições oferecidas nos lares escolhidos.

A coleta dos dados foi feita por meio de entrevistas semi-estruturadas com oito questões (Anexo A), agendadas com as 11 mães sociais e as 3 diretoras, realizadas nos próprios abrigos, após a autorização das entidades. Foram feitos pré-testes das questões das entrevistas em outros abrigos fora do estudo, para acertos na formulação e ordenação das perguntas. O período das entrevistas foi de dois meses, entre outubro e novembro de 2002.

* Fundação Abrinq: Organização Não-Governamental (ONG) que trabalha pelos direitos das crianças, fundada em 1990, após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Abrigos do estudo: Abrigo Maria Helen Drexel (zona Sul de São Paulo/SP), Centro Comunitário Bororé (Grajau, zona Sul de São Paulo/SP) e Lar Infantil Coração de Jesus (Grande São Paulo, município de Cotia/SP).

Anexo A - Perguntas feitas nas entrevistas às mães sociais e às diretoras dos abrigos

- Como é a alimentação / cardápio no seu abrigo? Fale um pouco sobre isso.
- Tem gente que acha que a alimentação da criança de abrigo deve ser bem simples e sem muito luxo. O que você acha sobre isso?
- O que é comida de luxo para você? E o que é uma comida simples?
- O que você acha importante ensinar de boas maneiras à mesa?
- Vocês conversam durante as refeições?
- Como você organiza a refeição aqui?
- Como você faz para as crianças comerem melhor?
- Como está o abastecimento de alimentos?

Cada entrevista durou cerca de 30 minutos e foram gravadas na íntegra em um mini-gravador com fitas magnéticas, com a concordância de cada mãe social e diretora, sendo depois transcritas pelo próprio pesquisador. A transcrição foi essencial na obtenção da precisão das falas, entonações e expressões utilizadas pelas entrevistadas, para posteriores análises. As gravações foram ouvidas inúmeras vezes, possibilitando uma transcrição fiel.

Os dados foram analisados conforme o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC contribui de forma original para a organização dos dados em pesquisas qualitativas. Para a construção do DSC, parte-se dos discursos gravados em estado bruto, ou seja, das entrevistas íntegras, transcritas, submetendo-as a uma análise inicial de decomposição, sendo esta a primeira seleção das idéias centrais detectadas em cada uma das entrevistas. Cada depoimento é então analisado mais detalhadamente, e dele são extraídas as diferentes, porém complementares *idéias centrais*, com suas respectivas *expressões-chave*. Estas são transcrições literais de partes dos depoimentos, permitindo o resgate do essencial do conteúdo dos segmentos das falas, que são afinal, as questões da pesquisa (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000). As idéias centrais agregadas discursivamente com a matéria-prima das expressões-chave, formam o DSC, mostrando-nos um espelho do que as mães sociais sentem e pensam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas as 8 perguntas feitas nas 14 entrevistas transcritas permitiu um total de 32 idéias centrais (categorias de discurso) por meio de um total de 140 falas agrupadas em expressões-chave, que revelam maneiras de pensar e sentir significativas das entrevistadas. O quadro 1 mostra resumidamente 29 dos principais conteúdos das idéias centrais que surgiram a partir das perguntas:

Conteúdo Pergunta	Idéias Centrais mais destacadas
<i>Alimentação no Abrigo</i>	Importância dos grupos de alimentos. Evitar gorduras e frituras. Lanche não sustenta como a comida. Hortalças e frutas. Evitar guloseimas.
<i>Comida simples ou luxo</i>	Indignação com a pergunta. Conformação com a pergunta. O que é comida de luxo? O que é comida simples?
<i>Boas maneiras</i>	Preocupação com o futuro lá fora. Ensinamentos cotidianos de boas maneiras. Todos juntos ao redor da mesa.
<i>Conversar às refeições</i>	Silêncio durante as refeições. Tolerância às conversas. Conversas durante as refeições.
<i>Organização das refeições</i>	Mãe social sempre faz o prato das crianças. Comer juntos, não pode assistir televisão. Fazer oração antes de comer. Higiene das mãos.
<i>Como fazer para as crianças comerem melhor</i>	Cozinhar legumes no feijão, nas carnes, no pão caseiro. Ensinar as crianças com paciência. Argumentar que “é bom para a saúde”. Esconder, enganar as crianças com as hortalças. Não tenta, desiste de ensinar. Exige que coma.
<i>Como está o abastecimento</i>	Gostaria de variar e fazer preparações mais elaboradas no cardápio. Gostaria de receber mais frutas. Falta peixe no cardápio. Não precisa mudar, está bom.

Quadro 1 - 29 dos principais conteúdos das idéias centrais que surgiram a partir das perguntas

Os principais elementos de análise encontrados foram os seguintes destaques relatados a seguir:

ALIMENTAÇÃO NO ABRIGO

Foi comentada a importância de serem servidos alimentos dos vários grupos, dando ênfase a hortalças e frutas. Houve a preocupação de se evitar gorduras e frituras em excesso, e também guloseimas, sempre muito presentes no cotidiano dos abrigos através de doações.

O destaque das falas foi a idéia central de que “O lanche não sustenta como a comida:

Eu não gosto de dar lanche, porque lanche pra mim não é janta. Janta é arroz, feijão, carne.uma salada, um legume. Se ele janta, ele está forte, mesmo que ele coma (só) um pedacinho de pão e um pouquinho de leite (de manhã), ele vai estudar porque ele jantou bem, ele vai estar reforçado”.

O antropólogo Damatta (2003) explica que a *comida* tem seu sabor, preparo, tempero, mistura, e é comungada por um grupo. A mesa composta e farta é uma vivência significativa da vida social. Já o *lanche*, também segundo Damatta (2003) e Shirts (2003), é o sanduíche sem sabor, comido em pé, sem mesa posta, comido individualmente, sem companhia especial. Essa constatação perpassa o imaginário das mães sociais, que sentem, que de alguma forma, o carinho que colocam no preparo de um jantar – comida -, também “nutre” as crianças, tornando as mães indispensáveis.

Os cardápios são feitos sem previsão anterior, a partir do que recebem das doações. Substituir uma refeição principal por lanche não é aceitável, apesar de as crianças apreciarem essa opção.

COMIDA SIMPLES OU LUXO

Muitas entrevistadas sentiram indignação em relação à afirmação de que a alimentação da criança de abrigo tem que ser simples e sem muito luxo:

Olha, eu discordo... porque eles tem que se alimentar bem, uma alimentação feita com carinho. Criança abrigada é criança normal.....!. Principalmente, por eles serem crianças assim (de abrigo), que a gente tem que tratar melhor. Tem que ter de tudo um pouquinho, mas que garanta uma mesa farta. Esse negócio só de coisa simples... Comida sem muito luxo...! Acho que a criança tem que comer tudo, do bom e do melhor – se puder, por que não? Eu acho que tem que ter um pouquinho de luxo também.

Outras mostraram conformação em relação à afirmação, acatando a idéia de que as crianças podem comer de tudo no abrigo:

A alimentação tem que ser caprichada, prato bonito, tempero gostosinho, para estar abrindo o apetite da criança. A comida de qualquer jeito ninguém vai querer comer.....! Caprichado, não é luxo. Tendo condições, na alimentação nada é luxo. Aqui em casa a gente gosta de fazer coisa diferente, por exemplo, uma lasanha, um arroz de forno, varia o cardápio - porque não é só arroz e feijão....e carne.....deve dar uma variada. A alimentação deve conter o necessário. Essa questão do luxo, se tiver – nós damos o melhor.

COMIDA DE LUXO

Comida de luxo quer dizer assim: que a criança come carne todos os dias, então isso quer dizer muito luxo, a variedade da mistura. Bastante coisas diferentes: um bife, frango, arroz-feijão, salada, macarrão, saladas diferentes, uma grande variedade. Uma sobremesinha diferente, ter uma novidade, sair com eles, pra comer um pouco lá fora (do abrigo). Pras crianças hoje em dia, um prato que seria um luxo seria um churrasco, seria uma lasanha. Um prato especial (no aniversário) que aquela criança goste. Uma lanchonete para eles pode ser uma comida de luxo. No ato de comer você quer algo que te alimente a alma também!

Casotti (2002) cita em sua lista de comidas de comemoração também a lasanha e o churrasco, presentes nos pratos mais lembrados. Damatta (1996) sugere ao analisar comidas e festas, que no Brasil o que se come parece atenuar diferenças sociais, servindo de denominador comum em uma sociedade tão desigual.

COMIDA SIMPLES

Um arroz, feijão, e uma salada. Porque se você coloca o arroz, o feijão e uma saladinha de tomate, vai tudo! Essa é uma comida que elas acostumaram a comer. É hábito de comer arroz e feijão todo dia. E pode ter uma comida mais gostosa, uma com mais luxo, que nem uma lasanha, mas sempre o arroz e o feijão tem que estar ali no prato. Se não, pra elas, não é janta, não sustenta....! O arroz, feijão, a mistura, a verdura, fruta - o normal pra mim é esse. Pra nós é essencial - e não pode faltar. Isso aí a gente luta mesmo pra não faltar.

“Feijão com arroz” parece representar um apego a uma identidade cultural que se forma ao longo do tempo, mesmo com a tendência de globalizar a alimentação no mundo, aponta Casotti (2002).

BOAS MANEIRAS

Os ensinamentos de boas maneiras à mesa está presente nas preocupações cotidianas das mães, que não querem falhar em público nesta tarefa. Há a preocupação com o futuro das crianças e jovens, quando forem viver “lá fora”, e não fazer a gente “passar vergonha” em público, quando o trabalho da mãe social é “avaliado” através do comportamento das crianças que cuida.

*Acho bonito as pessoas observarem, ver que **‘são crianças de abrigo, mas são educadas...’** Acho importante ensinar a*

pegar no talher, ensinando modos para eles. Vem muita visita aqui, então a gente não quer passar vergonha com eles.

Eu falo pra eles: “Quando você sair para um restaurante tem que saber comer bonitinho. Pegar no garfo, na faca, o comportamento de sentar, aqui dentro de casa a gente ensina, ... e lá fora...?”.

As boas maneiras incluem a valorização da família comer junto, formando uma unidade íntegra, havendo de certa forma uma compensação por não estarem na família de origem, com união e harmonia, traduzido nas falas pelo desejo de estarem sempre “*todos juntos ao redor da mesa*”:

*É um momento íntimo de família, de estar todo mundo reunido ali. Eu acho importante a reunião na hora do almoço, é positivo, é bonito, a casa cheia, aquela mesa bonita. Se come separado, parece que não tem aquele ambiente sociável, parece que ninguém gosta de ficar junto com o outro! A hora que a família está reunida é na refeição. Então come todo mundo junto, conversa todo mundo junto, não pode sentar pra lá. Ninguém come vendo televisão. Aí que a gente vê a união da família, para eles sentirem também que a família tem que estar sempre junta. Se falha um, eu já sinto falta daquele que saiu da mesa. Eu já acostumei assim, pra mim é muito importante, **todos juntos ao redor da mesa**.*

Segundo o folclorista potiguar Câmara Cascudo (1983), o “comer junto” é aliar-se, há um estabelecimento de vínculos e amizade, pois ninguém gosta de comer junto com pessoas estranhas ou de quem não se gosta, não se sente à vontade. Ao comer junto forma-se uma nivelção social, ‘eu como o mesmo que você come, portanto somos parecidos’. Inclusive há uma fixação geográfica, pois ‘estamos no mesmo local, portanto comemos as coisas que têm por aqui’.

Crocket e Sims (1995) e Gillespie e Achtemberg (1989) mostraram que a refeição familiar ainda é importante, apesar de parecer que o padrão da família comendo junto, está apenas no imaginário, e que parece não ser mais a realidade. Esta realidade depende muito dos hábitos do grupo, da região onde está inserido e também da época da pesquisa, pois os hábitos mudam através dos tempos.

Na pesquisa de Casotti (2002), a respeito do comportamento do consumidor de alimentos, também há a preocupação de verificar como as famílias estão tendo suas refeições. Há as mudanças sociais que levam ao declínio do costume das refeições familiares: o hábito de “beliscar” alimentos que já vêm prontos; a presença de programas de televisão no horário das refeições; forno de microondas e freezer, possibilitando

as pessoas a terem mais independência para o preparo de sua comida; novos papéis sociais das mulheres; valorização da conveniência e preocupação com a economia de tempo. Apesar de todas essas mudanças, outros sociólogos continuam acreditando que as famílias ainda valorizam suas refeições em conjunto. Neste aspecto, a organização social do grupo nos abrigos pequenos favorece bastante a união da 'família' às refeições.

CONVERSAR ÀS REFEIÇÕES

Esta questão gerou um conflito nas respostas apresentadas: conversas ou silêncio às refeições?

Metade das mães prezavam muito o silêncio no horário das refeições, um dado inesperado do estudo, pois a refeição é considerada um momento social, quando se pode interagir com o outro e trocar idéias. Não conversar com as pessoas presentes seria hoje, em uma grande metrópole, um sinal de desprezo, de pouco caso.

Eles não conversam. Eu acho importante o silêncio na hora de comer. Eu não gosto que conversa na hora da refeição porque muitos não se alimentam, eles se distraem com o outro, e é falta de educação. Quando a gente come em silêncio, a gente se alimenta melhor, não tem esse perigo da gula. Quem fala não sente nem o gosto da comida, aí a comida esfria, e eles não querem mais. Tem gente que até admira, porque tem muito silêncio na mesa. Hora de comer é de comer. A hora de conversar é de conversar.

Câmara Cascudo (2001) cita que nas cidades a refeição reunia a família, conversava-se. No interior era uma hora silenciosa e rápida, depois da oração inicial. Percebe-se aqui, que a origem rural e mineira de grande parte das mães tem forte influência nesta postura, e que essa maneira de perceber é repassada no cotidiano às crianças. Isto pode eventualmente gerar conflitos, pois esse comportamento pode não ser esperado em todos os lugares.

Se a gente deixar, conversam. Eu controlo. Se eu tenho que sair da mesa, vira uma "feira"... É pra almoçar, não é proibido conversar, mas eu digo: deixa pra falar depois. Acho que na hora da comida, não é hora de brincar, não é hora de falar muito. Conversa depois de terminar de almoçar, é muito importante esse momento de se unirem.

Algumas mães têm uma idéia oposta às citadas acima, como segue neste discurso:

Eles conversam muito. Depois do jantar ninguém quer levantar da mesa, fica aquele monte (de crianças). A conversa é animada, todo mundo brinca, tem que mandar parar, senão

vai a noite toda. Na janta ninguém fica em silêncio. A gente janta é cantando, é cantando piada pra animar, nós não somos assim quietinhas, a gente conversa normalmente.

E a diretora de um dos abrigos comenta:

A mesa, é um momento sagrado da família, de conversar, não de silêncio, pra mim é confraternização, é partilha. Família é isso, é estar convivendo um com o outro. Na hora das refeições não é hora de ficar em silêncio! Quando está todo mundo junto conversando, aquela alegria, comendo, passa um ambiente bom, de união, de família.

A dinâmica social dentro de uma família é ímpar e sem normas rígidas, e em um abrigo não poderia ser diferente. O que foi inesperado neste estudo foi constatar que uma mãe pensava ser o silêncio a melhor atitude a ser ensinada às crianças durante as refeições, quando a outra mãe no lar vizinho tinha uma postura oposta, e também a diretora era aberta aos diálogos, apontando assim uma ausência de coerência na linha pedagógica. As crianças logo percebem o jeito de cada mãe e os limites que cada uma impõe.

Wigand e Alley (1999) apontam o seguinte preceito com relação às refeições em família: “*Mantenha as relações familiares abertas. Com encontros de família, conversas no jantar ou diálogos casuais, estimule todos a expressar suas necessidades e preocupações. Sentir a pulsação da família regularmente pode impedir que pequenos problemas tornem-se crises intratáveis*”.

Talvez seja exatamente essa postura que faltava à família de origem das crianças desses abrigos!

ORGANIZAÇÃO DAS REFEIÇÕES

A mãe que faz o prato das crianças nas refeições, é ela quem sabe a quantidade que cada criança come. Apenas os adolescentes se servem sozinhos.

Eu já faço o prato e trago pronto de todo mundo, eu sei a quantidade que eles gostam de comer, eu sei do que eles não gostam.

Eu que faço o prato para todas as crianças. Só salada e o suco que é na mesa. Quando querem repetir, pedem mais e eu faço de novo.

A partir de 12 anos eles se servem sozinhos. Tem um dia na semana que eu ponho eles para se servir, e eles se servem no fogão. Porque lá fora não vai ter (alguém) todo dia pra servir. Eles fizeram super bem, porque lá no centro da juventude eles se servem também.

A gente se serve diretamente no fogão. Porque às vezes a gente põe travessa, mas aí as meninas acham que é complicado.

A autonomia nas refeições não é incentivada pelas mães, nem é um assunto levado em conta ou que preocupa a direção dos abrigos.

Há muita resistência das mães para deixar as crianças se servirem, tanto pelo trabalho de ensinar que essa prática acarreta, como também pelo desconhecimento da importância de se incentivar a autonomia nas práticas cotidianas das crianças. Inicialmente há mais sujeira e desperdício na implantação desta prática, porém, ganha-se muito em formação. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MEC, 99) prevê essa autonomia, ampliada inclusive para as refeições nas instituições, existente também nos Centros da Juventude, como citado no discurso acima.

Casotti (2002) também enfatiza que o controle das normas e regras alimentares está com as mulheres, que procuram determinar os alimentos dos filhos e o cardápio preparado.

Novamente Wigand e Alley (1999) sugerem: *“Deixe a família toda ajudar no preparo das refeições, nas compras e na cozinha. Permita que todos, dos pequenos aos grandes, participem das tarefas nas refeições. O preparo da comida torna-se mais gostoso e mais criativo se você não faz tudo sozinha todos os dias!”*.

Novamente, poupar a mãe, organizar melhor e dividir pequenas tarefas cotidianas, poderá deixá-la com mais energia para outras atividades, além de formar jovens com mais iniciativa e independência.

PARA AS CRIANÇAS COMEREM MELHOR

Há várias posturas apontadas pelas mães sociais a respeito do que fazer para que suas crianças comam bem: algumas tem paciência para ensiná-las, argumentando que determinado alimento “é bom para a saúde”, outras mais impacientes ou autoritárias, não tentam, desistem de ensinar ou exigem que comam. É freqüente as mães “esconderem” e enganarem as crianças em relação à presença das hortaliças em certas preparações.

É muito comum as crianças rejeitarem hortaliças nas refeições, por inúmeros motivos, desde a falta de oferta e oportunidades, motivando o desconhecimento da variedade existente. Nos abrigos mães driblam essa carência utilizando certas estratégias para fazer as crianças comerem legumes, tais como: cozinhar os legumes no feijão; colocar legumes e a “mistura” na mesma receita; colocar legumes no pão caseiro, fazendo com que as crianças acostumem com o sabor.

ABASTECIMENTO

A maioria das mães sociais gostaria de variar e fazer preparações mais elaboradas no cardápio, se recebessem mais alternativas de alimentos. Todas gostariam de receber mais frutas e sentem a falta de peixe no cardápio.

Os cardápios ofertados às crianças nem sempre atendem às necessidades nutricionais, dependendo muito de doações, datas de entrega, época do mês, o que leva as crianças a

não conhecerem certos alimentos e/ou diferentes preparações. Por outro lado, a certeza de que haverá uma refeição conjunta nos horários determinados está presente na mente dessas crianças, dando um sentido de segurança.

CONCLUSÕES

As entrevistas realizadas apontam que, substituir uma refeição principal por lanche não é aceitável, apesar de as crianças apreciarem essa opção.

E, a possibilidade de preparar pratos elaborados, como lasanha e churrasco, e oferecer variedade de opções é considerado um luxo.

Observa-se que o ensino de boas maneiras à mesa é uma preocupação constante das mães sociais, que não querem passar vergonha pelos maus modos das crianças, que precisam aprender a se comportar “lá fora”.

De modo geral, as mães sociais se preocupam com os rituais familiares durante as refeições, ocasiões em que se valoriza muito o comer junto.

As conversas durante as refeições não são bem vindas pela maioria das mães, que preferem que as crianças comam sem falar, apesar da direção dos abrigos não exigir esse silêncio.

Em geral, a tarefa de servir os pratos praticamente é assumida pela mãe social, não dando muitas oportunidades para as crianças aprenderem essa autonomia.

Também se viu que, cozinhar hortaliças no feijão ou colocá-las na massa do pão caseiro são estratégias utilizadas para as crianças comerem legumes pouco aceitos.

Assim, os momentos das refeições são muito especiais para a socialização de um grupo, mais importantes ainda em se tratando de crianças e adolescentes de abrigos. Nessas ocasiões, independentemente do cardápio e de sua aceitação, as refeições são preciosos momentos de convívio familiar, que muito colaboram para amenizar conflitos do dia-a-dia, sempre permeados pelos limites colocados pelas mães sociais, no silêncio ou na conversa. Enquanto estiverem sob sua guarda, existirá o esforço de acolher as crianças, e a certeza delas de que dentro do lar alguém estará lhes aguardando.

Por fim, as crianças e jovens que chegam a abrigos filantrópicos são na verdade bastante privilegiadas, considerando sua origem e os problemas que as levaram ao abrigo. Pode-se considerar que viver em um novo ‘verdadeiro lar’, formado por vários irmãos de convivência, com a figura da mãe ou mesmo às vezes o casal social, são experiências estruturantes na formação do desenvolvimento da criança. O fato de haver a figura da mãe, preocupada com a organização do cotidiano dessas crianças, incluindo aqui a alimentação, determinando os horários das refeições, orientando as boas maneiras, e toda a parte social da vida das crianças, leva à formação de referências. A estada no abrigo por alguns anos, ou mesmo por um período curto e provisório, irá apontar modelos de conduta do grupo.

REFERÊNCIAS/REFERENCES

- CÂMARA CASCUDO, L. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10 ed. rev. atual. e ilust. São Paulo: Global, 2001.
- CÂMARA CASCUDO, L. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1983. v. 1, 28 p.
- CASOTTI, L. *À mesa com a família: um estudo do comportamento do consumidor de alimentos*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002 (Coleção de estudos COPPEAD/UFRJ).
- CROCKET S. J.; SIMS L. S. Environmental influences on children's eating. *J. Nutr. Educ.*, v. 27, n. 5, p. 235-249, 1995.
- DAMATTA R. Fome zero e comida infinita. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2003. Jun. 12, Caderno 2.
- DAMATTA, R. *Torre de babel: ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- GILLESPIE A. H.; ACHTEMBERG C. J. Comparison of family interaction patterns related to food and nutrition. *J. Am. Diet. Assoc.*, v. 89, n. 4, p. 509-512, 1989.
- LEFÈVRE F.; LEFÈVRE A. M. C.; TEIXEIRA J. J. V. *O discurso do sujeito coletivo: uma abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: Editora da Universidade Caxias do Sul-EDUCS, 2000.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.
- MINISTÉRIO PÚBLICO. Estatuto da criança e do Adolescente: Lei Federal Nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília, D.F., 1990.
- NÚCLEO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Pontifícia Universidade Católica-SP, Secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de São Paulo. *Reordenamento de Abrigos Infante Juvenis da Cidade de São Paulo - construção da política interinstitucional de defesa dos direitos de convivência familiar e comunitária das crianças e adolescentes de São Paulo*. São Paulo: SAS/PMSP, 2004.
- POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. *Essentials of nursing research. methods, appraisal and utilization*. 3rd ed. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1993.
- REA, J. Introduction of beikost to the preterm infant: a phenomenological study. University of Portsmouth; *Journal of Neonatal Nursing*, v. 3, n. 6, p. 19-23, nov. 1997.
- SHIRTS, M. O sanduíche e a cultura brasileira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2003, mai. 5, Cad 2: 12.
- WIGAND, M.; ALLEY, R. W. *Terapia do ser mãe*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 1999.

Recebido para publicação em 05/07/05.

Aprovado em 15/03/06.